

# A INTERFACE LÉXICO-ENCICLOPÉDIA NO LÉXICO GERATIVO: UM ESTUDO DO VERBO *PREPARAR*

*Heronides Maurílio de Melo Moura\**

*Juliana Sell do Vale Pereira\**

**RESUMO:** *Com base no léxico gerativo, este artigo propõe uma descrição da polissemia lógica do verbo 'preparar'. Essa descrição mostra que a tendência teórica no campo da semântica lexical é o desenvolvimento de uma representação lexical enriquecida. São discutidas também as dificuldades que esse enriquecimento da representação acarreta para a delimitação dos domínios do conhecimento lexical e do conhecimento enciclopédico.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *(semântica lexical; léxico gerativo; polissemia; conhecimento enciclopédico; co-composicionalidade).*

## 1 – O Léxico Gerativo

Um dos problemas enfrentados na tentativa de explicitar o funcionamento do léxico é fornecer uma representação formal da linguagem que dê conta do uso criativo das palavras, sua natureza polimórfica, composicionalidade e demais fenômenos de extensão de sentido. Só um modelo formado por um sistema representacional enriquecido seria capaz de expressar tais fenômenos de forma regular.

Muitas teorias buscaram criar tal modelo, mas acabaram encaixando-se em dois grandes grupos de teorias lexicais: baseadas em redes – que organizam as palavras através de relações e elos – e baseadas em primitivos fixos – que organizam as palavras em uma

---

\* Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

enorme lista de diferentes sentidos. Este último grupo forma o que se pode chamar de teoria SEL (*Sense Enumeration Lexicon* - Léxico de Enumeração de Sentidos), que não possui um poder explicativo forte, pois apenas fornece uma lista de sentidos para as diferentes acepções de um item lexical.

A teoria do Léxico Gerativo (doravante LG), abordagem de James Pustejovsky (1995), disponibiliza algo muito próximo desse modelo enriquecido almejado: um sistema de representação semântica que inclui no item lexical argumentos, propriedades e eventos a ele associados. Com isto, o LG pretende dar conta do uso criativo das palavras (as palavras podem assumir novos sentidos de acordo com o contexto em que são proferidas), permeabilidade do sentido das palavras (os diferentes sentidos das palavras não são isolados, mas têm relações entre si) e expressão de várias formas sintáticas (as palavras podem apresentar, a partir de um mesmo sentido de base, realizações sintáticas diversas) (cf. Foltran et alli, 2000).

O LG propõe-se a explicar um caso particular de indeterminação ou subespecificação semântica: a polissemia lógica. A polissemia lógica dá-se quando os vários sentidos associados a uma palavra são compatíveis e complementares, sem transitarem entre diferentes categorias lexicais. Um caso clássico é a palavra *livro*, que pode representar o conteúdo do texto escrito ou o volume físico, com capa, páginas etc. Outro exemplo é *universidade*. Este item lexical pode significar, alternativamente, a instituição de ensino superior, o conjunto de prédios que a formam, as pessoas que lá trabalham ou estudam. Para a explicação da polissemia lógica, Pustejovsky caracteriza os itens lexicais através de quatro níveis de representação: estrutura argumental, estrutura de eventos, estrutura qualia e estrutura de herança lexical.

A estrutura argumental especifica o número e o tipo de argumentos de um predicado, codificando a informação relativa às

suas restrições de seleção. Esta especificação, entretanto, não se enquadra na noção de restrição seletional, de acordo com a qual os verbos (tidos como núcleos) são os responsáveis pela seleção dos argumentos. A estrutura argumental proposta por Pustejovsky assume que verbos e nomes efetuam a seleção de argumentos, ou seja, assume que as relações lexicais dão-se pelo princípio da co-composicionalidade. Os argumentos podem ser de quatro tipos:

- verdadeiros: são sintaticamente obrigatórios, ficando a sentença agramatical quando não há sua ocorrência (ou quando não pode ser recuperada via contexto);

Ex.: João comprou *uma camisa*.

- default: encontram-se implícitos, sendo opcionais;

Ex.: João construiu uma casa (*de madeira*).

- apagados: estão incluídos no significado de um elemento da sentença, só podendo ser explicitados se forem acompanhados de um modificador;

Ex.: João foi encarcerado *em uma prisão especial*.

- adjuntos: introduzem expressões de modificação temporal ou espacial que não fazem parte da estrutura semântica dos demais itens.

Ex.: João chegou *cedo*.

A estrutura de eventos define a quantidade e o tipo dos eventos relacionados ao elemento lexical. Os eventos podem configurar estados, processos ou transições. Estados denotam um evento pontual, atômico e homogêneo, não havendo alterações no decorrer do tempo do evento; um estado pode ser representado como  $[e_1]$ . Processos envolvem uma certa mudança de estado no tempo do evento, mas não há determinação deste tempo, tampouco resultado alcançado preciso; um processo é representado por  $[e_1 \dots e_n]$ . As transições têm início e conclusão definidos, envolvendo dois eventos

distintos e separados por uma determinada relação de seqüência temporal (p. ex., "<" marca anterioridade de um evento em relação a outro); transições são esquemas do tipo  $[e_1, e_2]$ .

Um evento pode ser estruturado em subeventos. Um dos subeventos pode ser o núcleo da ação (o qual recebe a marca ""). Observem-se as sentenças abaixo:

(1) João matou Maria.

matar à  $e_1^* < e_2$  (ênfase no processo)

(2) João morreu.

morrer à  $e_1 < e_2^*$  (ênfase no resultado)

Por sua vez, a estrutura qualia, considerada a grande contribuição do LG para a semântica lexical, apresenta os atributos essenciais de um item lexical, caracterizando-o de acordo com quatro papéis:

- formal: distingue o objeto em um domínio mais amplo, como na hiperonímia e hiponímia. Leva em conta orientação, magnitude, forma, dimensão, cor e posição, podendo apresentar um argumento simples ou complexo (quando o valor do quale provém de uma relação entre tipos diferentes);
- constitutivo: define a relação entre o objeto e seus constituintes, como na meronímia. Leva em conta as propriedades de peso, material, partes e elementos componentes;
- tético: apresenta a função do objeto;
- agentivo: apresenta os fatores envolvidos na origem do objeto, levando em conta se há criador ou se é artefato, tipo natural ou cadeia casual.

Além do enriquecimento da representação lexical obtido por meio das estruturas de argumentos, qualia e de eventos, as propriedades propriamente gerativas do modelo (no sentido específico de geração de novos usos lexicais a partir de estruturas pré-determinadas) são asseguradas por três regras composicionais que atuam sobre as representações lexicais enriquecidas. São elas: a coerção de tipo, a ligação seletiva e a co-composicionalidade.

A coerção de tipo é uma operação semântica que converte um argumento para o tipo solicitado pela sentença, evitando que haja erro no processo de interpretação (Pustejovsky, 1995: 59). Para Pustejovsky, verbos eventivos como *começar*, por exemplo, pedem sempre um evento (cf. Chisman, 2003). Se o argumento disponível não configura um evento, ele deverá ser convertido em um, através do acionamento de seus papéis qualia, via coerção de tipo:

(3) João começou o livro.

quale tético de livro = x lê y (evento) à João começou (a ler) o livro.

A ligação seletiva é uma outra regra gerativa, pela qual o adjetivo, num sintagma nominal, atua sobre determinado aspecto do nome, quer dizer, a modificação dá-se não para o nome em si, mas para uma de suas características descritas na estrutura qualia. Os exemplos abaixo explicitam a aplicação dessa regra:

(4) João é um digitador rápido.

quale tético de digitador = x serve para digitar à João é um digitador que digita rapidamente.

(5) João é um digitador gentil.

quale formal de digitador = x é uma pessoa à João é um digitador que é uma pessoa gentil.

A terceira regra é a da co-composicionalidade. É baseada na idéia de que a denotação apropriada de uma expressão dá-se através da interação entre o núcleo e o complemento de um sintagma. Assim sendo, não apenas o núcleo, mas também o complemento colabora com o cálculo semântico. Considere os exemplos abaixo:

(6) João cozinhou as batatas.

(7) João cozinhou o bolo.

em que *batatas* (espécie natural) pede um verbo de mudança de estado em (6) e *bolo* (artefato) pede um verbo de criação em (7).

Neste caso, o verbo em questão assume, além do sentido de mudança de estado, também o de criação de objeto, em (7).

É importante ressaltar aqui que Pustejovsky afirma que só há um sentido para *cozinhar*, pois o seu significado modifica-se apenas devido a informações novas trazidas pelo complemento (*batatas* ou *bolo*). O verbo *cozinhar* seria, então, monossêmico, tendo como significado de base o valor de mudança de estado. Quando combinado a *bolo*, um artefato criado a partir de cozimento, ganharia, por co-composição, um novo sentido, ou seja, passaria a ser um verbo também de criação de objeto. A própria semântica de *bolo* faria referência ao processo de cozimento, em seu quale agentivo, especificando este novo sentido. A interpretação do sintagma verbal dependeria assim de uma interação entre a semântica do verbo *cozinhar* e propriedades dos seus argumentos licenciadas na estrutura qualia dos mesmos.

A dificuldade é que regras gerativas como essa não apresentam restrições específicas para sua aplicação, especialmente nos casos em que se licencia uma propriedade que advém do conhecimento enciclopédico (cf. Moura, no prelo). Consideremos por exemplo uma regra de coerção de tipo proposta por Pustejovsky. Para este autor, o sujeito semântico de um verbo de experiência é sempre um evento e, quando a posição não é ocupada por um evento, há um processo de coerção de tipo que o transforma em um. Em (8) abaixo, não há dificuldade em localizar no quale tético de *livro* uma interpretação como “Ler livros entedia João”. O problema é como representar, em termos lexicais, o evento na sentença (9) abaixo, quando o que parece ser relevante aí é o conhecimento enciclopédico que se tem de *ricos*:

(8) Livros entediam João.

(9) Ricos entediam João.

O LG de fato parece solucionar os casos de polissemia lógica, mas deixa pouco claro o limite para o enriquecimento do léxico e para a aplicação das regras gerativas. Considere os exemplos abaixo:

(10) Maria começou um cigarro.

(11) Maria começou uma cerveja.

Em tais exemplos, a primeira interpretação advém do quale tético (“Maria começou a fumar um cigarro” e “Maria começou a tomar uma cerveja”). Todavia, é possível que se faça também a interpretação das sentenças acima através do quale agentivo (“Maria começou a fazer um cigarro” e “Maria começou a fazer uma cerveja”). A segunda interpretação decorre de conhecimento enciclopédico: poucos convivem com pessoas que tenham o hábito de fazer cigarros, e menos ainda com pessoas que ainda saibam fazer cerveja. As situações são, entretanto, reais. O conhecimento do modo de produção de cervejas e cigarros não seria uma questão de conhecimento enciclopédico? (cf., para uma discussão crítica, Fodor e Lepore, 1998; Gayral, 1998).

No entanto, essa falta de especificação dos limites léxico-enciclopédia não invalida a análise da polissemia lógica feita pelo LG. De fato, a descrição da polissemia do verbo *preparar*, feita a seguir, pretende mostrar a validade da proposta do LG, ainda que o limite léxico-enciclopédia permaneça tênue nessa teoria. No tratamento do caso de polissemia lógica levado a cabo aqui, o LG oferece um quadro satisfatório das variações semânticas do verbo *preparar*, ainda que em algumas ocorrências o conhecimento enciclopédico pareça essencial para o cálculo do sentido.

## 2 A Polissemia do verbo *preparar*

O verbo *preparar* apresenta polissemia lógica, pois possui significados diversos que podem ser correlacionados de maneira regular. Argumenta-se aqui que sua polissemia é produzida pela regra de co-composicionalidade. Ou seja, os diferentes sentidos do verbo derivam de sua combinação com os sintagmas nominais em posição de complemento, em um processo semelhante ao caso de *cozi-*

*nhar*, no qual é a presença, na posição de complemento, de *batatas* ou *bolo*, por exemplo, que define seu sentido. Assim, *preparar* e *cozinhar* são verbos de mudança de estado (ou verbos de transição) que por vezes assumem o sentido de verbos de criação de objeto (quando combinados, por exemplo, com *bolo*). Assinale-se, portanto, que o verbo em questão poderá assumir o sentido de criação de objeto, mas sem perder o seu sentido básico de mudança de estado.

O objetivo aqui é descrever essa polissemia, investigando que elementos semânticos do contexto sentencial podem indicar o sentido do verbo *preparar* a ser acionado. Busca-se definir se os mecanismos necessários para a interpretação de sentenças com este verbo são gerativos ou se dependem de conhecimento enciclopédico.

Como amostragem, foram extraídos exemplos de *preparar* disponíveis no corpus de Português do Brasil compilado pelo Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional (NILC)<sup>1</sup>. A pesquisa, entretanto, não se pretende quantitativa. O corpus aqui deve apenas prover a ocorrência de diferentes casos e, conseqüentemente, proporcionar maior fidelidade à regularidade lingüística em observação.

Para o tratamento da polissemia em questão, foram considerados os seguintes critérios:

- número de argumentos;
- tipo semântico do argumento complemento do verbo: eventos, pessoas, artefatos e não-artefatos (espécies naturais);
- natureza sintática do verbo: transitivo e reflexivo;
- tipo semântico do verbo: mudança de estado, mudança de estado com criação de objeto e mudança de estado com possível criação de objeto.

---

<sup>1</sup> O *corpus* contém cerca de 35 milhões de palavras retiradas de textos em prosa. O recorte deste artigo inclui dez diferentes cadernos da Folha de São Paulo de 1994, disponíveis em <http://www.portugues.mct.pt>, e totalizando 331 ocorrências do verbo *preparar* (foram desconsideradas as com participio passado, por haver a possibilidade de serem casos de adjetivos, o que contrariaria a polissemia lógica).



A classificação será feita com base no tipo semântico do argumento complemento do verbo. Cada tipo será subclassificado de acordo com a estrutura argumental em que o verbo pode ocorrer.

## 2.1 Argumento complemento do verbo: evento

Nos casos em que os argumentos em posição de complemento são eventos, a ação verbal designa atividades de planejamento, sendo a preparação uma realização prévia, e que nem sempre assegura a existência do evento em questão. Em outras palavras, o fato de preparar um show, por exemplo, não indica o acontecimento do show, isto é, há uma mudança de estado entre o show não preparado para acontecer e o preparado para acontecer, mas não há necessariamente a criação do evento show. Isto pode ser confirmado se fizermos uma comparação de preparar com fazer:

preparar o show ? fazer o show  
preparar a visita ? fazer a visita  
preparar a turnê ? fazer a turnê

Em todos os exemplos acima, o preparo não assegura o acontecimento do evento. Há uma clara diferença temporal entre o processo preparatório e a realização do show, da visita ou da turnê. O que temos então é o sentido de verbo de mudança de estado com possível criação de objeto (correspondente ao evento). Neste grupo, as estruturas argumentais possíveis são:

**a.  $\bar{x}$  preparar evento**

(12) A Epson prepara o lançamento de 18 novos produtos.

**b. x preparar evento para data**

(13) A Volkswagen prepara para outubro, na Alemanha, o lançamento do novo Pólo alemão.

**c. x preparar evento para objetivo**

(14) Richard prepara uma turnê nacional para mostrar seu repertório cool.

Em (b), o terceiro argumento (*para outubro* em (13)), quando referente a tempo, indica apenas um argumento adjunto, sem interferir no sentido que deve ser acionado no verbo. Sua natureza sintática e semântica difere do argumento verdadeiro *o lançamento do novo Pólo alemão*, cujo tipo semântico (evento) define, por composicionalidade, o sentido do verbo *preparar* como mudança de estado com possível criação de objeto.

## 2.2 Argumento complemento do verbo: pessoas

No caso em que argumentos em posição de complemento são *pessoas*, a ação verbal refere-se única e exclusivamente a uma mudança de estado. Isso é esperado, uma vez que pessoas não sofrem um processo de criação, mas algumas de suas qualidades podem ser transformadas. Pode-se argumentar que, em casos como (15) abaixo, os profissionais foram criados pela ação verbal. Mas o que se cria, nesse caso, não é uma pessoa, mas uma função ou uma propriedade associada à pessoa:

(15) Entretanto, nenhum curso universitário no Brasil prepara profissionais para assumir cargos estratégicos no mercado de trabalho do agrobusiness.

A análise adotada aqui será considerar a seguinte estrutura subjacente para (15): “o curso universitário prepara pessoas para serem profissionais”. Assim, estas ocorrências foram tratadas, em termos de codificação dos dados, como argumento do tipo pessoa e verbo do tipo mudança de estado. Neste grupo, as estruturas argumentais possíveis são:

a. *x preparar uma pessoa para objetivo*

(16) Entretanto, nenhum curso universitário no Brasil prepara profissionais para assumir cargos estratégicos no mercado de trabalho do agrobusiness.

(17) Fundação de MG prepara herdeiro [para assumir a empresa].

b. *pessoa preparar-se para objetivo*

(18) Cavaleiros se preparam para finais do enduro.

(19) Os atropelos afetaram até quem vinha se preparando há algum tempo [para a criação da URV].

Os objetivos podem estar implícitos, como em (17) e (19), sendo facilmente recuperados pelo contexto das sentenças anteriores.

### 2.3 Argumento complemento do verbo: artefato

Os *artefatos* são objetos que não só necessitam de um processo para ficarem prontos como também só passam a existir a partir de tal processo. Os casos analisados denotam, além de mudança de estado, o sentido de verbo de criação, pois a preparação e a criação do objeto são, na verdade, processos simultâneos. O sentido de preparar aqui confunde-se com o de fazer:

preparar o suco = fazer o suco

preparar o relatório = fazer o relatório

preparar o livro = fazer o livro

Um exemplo deste tipo é:

(20) Ele também utiliza um processador de texto para preparar documentos do trabalho.

No entanto, há casos em que os artefatos sofrem mudança de estado apenas, sem criação de objeto. Mas estes casos estão restritos a uma estrutura argumental específica, do tipo “x prepara *artefato* para *objetivo*”, como nos exemplos abaixo:

(21) Como preparar um vaso para suas plantas.

(22) O seletor prepara a TV para o futuro.

Neste caso, a interpretação específica do verbo *preparar* depende não apenas do tipo semântico do complemento, mas também da estrutura argumental em que ocorre. Assim, diferentes estruturas argumentais acionam sentidos diferentes:

Criação de objeto:

a. x *preparar* artefato

(20) Ele também utiliza um processador de texto para preparar documentos do trabalho.

Mudança de estado:

b. x *preparar* artefato para objetivo

(22) O seletor prepara a TV para o futuro.

## 2.4 Argumento complemento do verbo: objetos não-artefatos

A diferença semântica relevante aqui é entre objetos produzidos pelo homem com uma função definida (artefatos) e objetos não produzidos pelo homem (as espécies naturais). Na posição de complemento do verbo *preparar*, os objetos que não são artefatos sofrem apenas mudança de estado, sem criação de objeto. É o caso dos exemplos abaixo:

(23) Prepara a pele para o bronzear e hidrata.

(24) Prepare seu braço para o jogo.

O sentido, neste caso, assemelha-se ao examinado nos casos de co-composição com pessoas, ou seja, há um processo de transição não acompanhado de criação de objeto. Note-se também que a interpretação do verbo *preparar* muda de acordo com o tempo verbal. No presente, há a indicação de uma capacidade de mudança (*prepara a pele*) ou de uma ação potencial (*prepare seu braço*). No passado, a mudança ocorreu efetivamente.

A estrutura argumental para o grupo dos objetos não-artefatos na posição de complemento é:

a. x *preparar* não-artefato para objetivo

(23) Prepara a pele para o bronzamento e hidrata.

De acordo com o que foi observado no corpus, e com base no LG, uma série de regularidades no uso do verbo *preparar* podem ser estabelecidas:

- i. A co-composição de *preparar* com pessoas aciona sempre o sentido de mudança de estado no verbo;
- ii. A co-composição de *preparar* com eventos aciona sempre o sentido de mudança de estado no verbo, podendo ser seguido de uma criação de objeto. Isto porque deve fazer parte da representação semântica de eventos (ao menos os eventos com um agente definido) que eles são precedidos de planejamento e organização. Uma vez que *preparar* trata apenas de tal processo anterior, a criação do evento fica como possibilidade apenas;
- iii. A co-composição de *preparar* com objetos não-artefatos (espécies naturais) aciona o sentido de mudança de estado, sem criação de objeto;
- iv. O verbo *preparar* projeta quatro estruturas possíveis: x preparar y, x preparar y para z, x preparar y para w e x preparar-se para z, sendo z um objetivo e w uma localização temporal;
- v. No caso de co-composição com artefatos, a interpretação específica do verbo *preparar* depende não apenas do tipo semântico do complemento, mas também da estrutura argumental em que ocorre.

### 3 LG e conhecimento enciclopédico: algumas dificuldades

Considere os exemplos abaixo:

(25) Prepare a tralha para pescaria no Pantanal.

(26) Em tempo de festa e Copa do Mundo, é bom ir preparando os apetrechos para ver pela TV as partidas de futebol nos EUA.

Nesses casos, *preparar* significa *organizar*. *Preparar* é um verbo de mudança de estado que pode ou não ser acompanhado por criação de objeto, e a seleção de um ou outro sentido deriva, como vimos, da regra de co-composição. Mas definir que a natureza da mudança de estado nos casos (25) e (26) significa especificamente organização de uma série de itens parece depender do conhecimento enciclopédico.

Há uma solução simples para essa dificuldade, no âmbito do LG. O que o modelo prevê é que em (25) e (26) haverá a seleção do sentido de mudança de estado, sem criação de objeto, em vista da regularidade (v) acima especificada. A natureza específica da mudança de estado é subespecificada no modelo, sendo definida apenas pelo conhecimento enciclopédico. Nesse caso, este tipo de conhecimento apenas especifica um sentido já previsto pelas regras lexicais. Um caso mais complicado é o de (27) abaixo:

(27) O vestibulando deve preparar desde já os documentos.

Esta sentença é ambígua, podendo significar “fazer os documentos” ou “organizar os documentos”. No tratamento proposto na seção acima, teríamos duas possibilidades de análise da sentença (27), ou seja, duas estruturas semânticas seriam atribuídas a essa sentença:

a. criação de objeto:

x preparar *artefato*

b. mudança de estado:

x preparar *artefato para objetivo*

Nesse caso, na interpretação b, o terceiro argumento (para objetivo) estaria implícito no contexto e corresponderia a (para a inscrição), resultando na interpretação de mudança de estado. No entanto, é difícil ver como se daria, de forma automática e formal, a

recuperação desse terceiro argumento. O que parece acontecer é que o conhecimento enciclopédico provê a interpretação correta. Esse é um caso de difícil solução, à primeira vista, no tipo de tratamento aqui adotado.

Apesar desta dificuldade, o tratamento da polissemia do verbo *preparar* no âmbito do LG capta o que parece ser essencial nesse tipo de verbo. O funcionamento dessa polissemia depende basicamente de dois fatos:

- i. Em todos os casos encontrados, *preparar* representa um verbo de mudança de estado. Apesar de a criação de objeto poder ocorrer, a representação lexical desse verbo apresenta sempre dois eventos restritos por anterioridade, ou seja, há sempre um evento  $e_1$  anterior e processual, e um evento  $e_2$  posterior, indicando resultado;
- ii. Em todos os casos de criação de objeto, o sentido é gerado por um processo de co-composicionalidade.

Quando a interface léxico-enciclopédia apresenta-se como uma dificuldade na análise, há a possibilidade de evocar as soluções já indicadas:

- i. O sentido lexical é subespecificado, como em (25) e (26), e o conhecimento de mundo apenas o especifica. O mesmo ocorreria em relação a exemplos como (10) e (11). A representação lexical de *cigarro* e *cerveja* deixa subespecificado se essas palavras licenciam ou não, nos diferentes contextos, o qual agente;
- ii. Casos de ambigüidade como em (27) podem ser explicados pela recuperação de argumentos no contexto.

A solução (ii), no entanto, não indica que formalismo propiciaria essa recuperação de argumentos no contexto, de modo que a interface léxico-enciclopédia continua a ser uma dificuldade no LG, ainda que ela só se apresente em alguns casos, em meio a regularidades mais gerais. Mas o LG, apesar de apresentar problemas na separação do que é conhecimento enciclopédico e o que deve realmente ser tido como conhecimento lexical, mostra-se con-

sistente e inovador. Em comparação com teorias anteriores de semântica lexical, é bastante econômico.

Há, certamente, elementos não-composicionais (de conhecimento enciclopédico) na criação de sentidos lexicais, sentidos que somente a dinâmica discursiva pode especificar (cf. Moura, 2003). Mas isto não invalida a construção composicional de sentidos que o LG sistematiza. Mesmo sabendo que outros processos interpretativos estão em jogo, a posição defendida aqui é a de que o LG vem esclarecer em muito a estrutura pela qual os sentidos lexicais se formam. A proposta de que o léxico contém diversas propriedades que possibilitam, a partir de regras semânticas sistematizáveis, produzir sentidos adaptados a diferentes contextos representa um convincente argumento para o desenvolvimento de modelos formais de tratamento do léxico.

**ABSTRACT:** *Based on generative lexicon, this paper proposes a description of the logical polysemy of the Brazilian Portuguese verb 'preparar' ('to prepare'). This description shows a theoretical trend in the field of lexical semantics to develop an enriched lexical representation. This paper also discusses the consequences that this enrichment has to the delimitation between the different domains of lexical and encyclopedic knowledge..*

**KEYWORDS:** *lexical semantics; generative lexicon; polysemy; encyclopedic knowledge; co-composition.*

## BIBLIOGRAFIA

- CHISHMAN, R. *O Sentido Polissêmico dos Verbos Eventivos segundo a Teoria do Léxico Gerativo*. In: *Fórum Lingüístico 3-2*, 2003..
- FODOR, J.; LEPORE, E. *The emptiness of the lexicon: reflections on James Pustejovsky's The Generative Lexicon*. In: *Linguistic Inquiry*. Cambridge: MIT, 1998. v. 29, n° 2, pp. 269-288.
- FOLTRAN, M. J.; WACHOWIZC, T. C. *Resenha: PUSTEJOVSKY, James. The Generative Lexicon*. Cambridge, 1995. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, 2000. n° 39. pp. 151-162.



- GAYRAL, F. *Créativité du sens en contexte et hypothèse de compositionnalité*. In: *Traitement automatique des langues*. Paris: ATALA, 1998. v. 39, n° 1, pp. 103-109.
- MOURA, H. *Lexicon and context in the production of meaning*. In: *Révue de sémantique et pragmatique*. Orléans : PUO, 2003, v. 12, pp 103-122.
- \_\_\_\_\_. *Polissemia: entre o léxico e o conhecimento enciclopédico*. In: *Trilhas Lingüísticas*. Araraquara: UNESP, no prelo.
- PUSTEJOVSKY, J. (1995) *The Generative Lexicon*. Camb./Mass: MIT.